

lugar, amontoadas num cacho pendente do pescoço das mulheres¹, urinando num canto, desempenhando seu papel numa festa tradicional, trabalhando como aprendizes num ateliê, ou servindo como pajens de um cavaleiro.

A criança muito pequenina, demasiado frágil ainda para se misturar à vida dos adultos, "não contava": essa expressão de Molière comprova a persistência no século XVII de uma mentalidade muito antiga. O Argan de *Le Malade imaginaire* tinha duas filhas, uma em idade de casar e a outra, a pequena Louison, mal começando a falar e a andar. Argan ameaçava pôr a filha mais velha num convento, para desencorajar seus amores. Seu irmão lhe diz: "De onde tirastes a idéia, meu irmão, vós que possuís tantos bens e tendes apenas uma filha - pois não conto a pequena - de mandar a menina para um convento?" A pequena não contava porque podia desaparecer. "Perdi dois ou três filhos pequenos, não sem tristeza, mas sem desespero", reconhece Montaigne³. Assim que a criança superava esse período de alto nível de mortalidade, em que sua sobrevivência era improvável, ela se confundia com os adultos.

As palavras de Montaigne e Molière comprovam a permanência dessa atitude arcaica com relação à infância. Era uma sobrevivência tenaz, porém ameaçada. Já desde o século XIV, uma tendência do gosto procurava exprimir na arte, na iconografia e na religião (no culto dos mortos) a personalidade que se admitia existir nas crianças, e o sentido poético e familiar que se atribuía à sua particularidade. Acompanhamos a evolução do *putto*, do retrato da criança, até mesmo da criança morta em pequena. Essa evolução terminou por dar à criança, à criancinha pequena - ao menos onde esse sentimento aflorava, ou seja, nas camadas superiores da sociedade dos séculos XVI e XVII - um traje especial que a distinguia dos adultos. Essa especialização do traje das crianças, e sobretudo dos meninos pequenos, numa sociedade em que as formas exteriores e o traje tinham uma importância muito grande, é uma prova da mudança ocorrida na atitude com relação às crianças: elas contavam muito mais do que o imaginava o irmão do *Malade imaginaire*. De fato, nessa peça que parece ser tão severa para com as criancinhas quanto certas expressões de La Fontaine, há uma conversa entre Argan e a pequena Loui-

1 P. Michault, *Doctrinal du temps présent*, ed. Th. Walton, 1931 p. 119: *Puis vey une femme grausse, // Portant deux enfants en sa trousse*". Pintura de Van Laer (1592-1642) reproduzida em Berndt, nº 468.

2 *Le Malade imaginaire*, ato III, cena III.

3 Montaigne, *Essais*, II, 8.

CONCLUSÃO

Os Dois Sentimentos da Infância

Na sociedade medieval, que tomamos como ponto de partida, o sentimento da infância não existia - o que não quer dizer que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas. O sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia. Por essa razão, assim que a criança tinha condições de viver sem a solicitude constante de sua mãe ou de sua ama, ela ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes. Essa sociedade de adultos hoje em dia muitas vezes nos parece pueril: sem dúvida, por uma questão de idade mental, mas também por sua questão de idade física, pois ela era em parte composta de crianças e de jovens de pouca idade. A língua não atribuía à palavra *enfant* o sentido do restrito que lhe atribuímos hoje: em francês, dizia-se *enfant* como hoje se diz *gars* na linguagem corrente. Essa indeterminação da idade se estendia a toda a atividade social: aos jogos e brincadeiras, às profissões, às armas. Não existem representações coletivas onde as crianças pequenas e grandes não tenham seu

son: "Olha para mim, sim? - Que é, papai? - Aqui. - O quê? - Não tens nada a me dizer? - Se quiserdes, eu vos contarei, para distrair-vos, a história da Pele de Asno, ou então a fábula do Corvo e da Raposa, que aprendi há pouco tempo". Um novo sentimento da infância havia surgido, em que a criança, por sua ingenuidade, gentileza e graça, se tornava uma fonte de distração e de relaxamento para o adulto, um sentimento que poderíamos chamar de "paparicação". Originariamente, esse sentimento pertencera às mulheres, encarregadas de cuidar das crianças - mães ou amas. Na edição do século XVI do *Grand Propriétaire de toutes choses*, lemos a propósito da figura da ama⁴: "A ama se alegra quando a criança fica alegre, e sente pena da criança quando esta fica doente; levanta-a quando cai, enfaixa-a quando se agita e a limpa quando se suja". Ela educa a criança "e a ensina a falar, pronunciando as palavras como se fosse tatibitate, para ensiná-la melhor e mais depressa... ela carrega a criança nos braços, nos ombros ou no colo, para acalmá-la quando chora; mastiga a carne para a criança quando esta ainda não tem dentes, para fazê-la engolir sem perigo e com proveito; nina a criança para fazê-la dormir, e enfaixa seus membros para que não fique com nenhuma rigidez no corpo, e a banha e a unta para nutrir sua pele..." Thomas More detém-se longamente nas imagens da primeira infância, do menino que é enviado à escola por sua mãe: "Quando o menino não se levantava a tempo, demorando-se na cama, e quando, já de pé, ele chorava porque estava atrasado, sabendo que lhe bateriam na escola, sua mãe lhe dizia que isso só acontecia nos primeiros dias, e que ele teria tempo de chegar na hora: - Vai, bom filho, juro-te que eu mesma já preveni teu mestre; toma teu pão com manteiga, pois não serás surrado." E assim ela o enviava à escola, consolado o suficiente para não cair em prantos ante a idéia de deixá-la em casa. Mas ela não tocava no fundo da questão e a criança atrasada seria realmente surrada quando chegasse à escola⁵.

A maneira de ser das crianças deve ter sempre parecido encantadora às mães e às amas, mas esse sentimento pertencia ao vasto domínio dos sentimentos não expressos. De agora em diante, porém, as pessoas não hesitariam mais em admitir o prazer provocado pelas maneiras das crianças pequenas, o prazer que sentiam em "paparicá-las". M^{me} de Sévigné confessa, não sem uma certa afetação, que passava longo tempo se distraíndo com sua netinha: "Estou lendo a história da descoberta das Índias por Cristóvão Colombo, que me di-

4 *Le Grand Propriétaire de toutes choses*, traduzido para o francês por J. Carbichon, 1556.

5 Citado por Jarman, *Landmarks in the History of Education*, Londres, 1951.

verte imensamente; mas vossa filha me distrai ainda mais. Eu a amo muito... Ela acaricia vosso retrato e o paparica de um jeito tão engraçado que tenho de correr a beijá-la."⁶ "Há uma hora que me distraio com vossa filha, ela é encantadora." "Mandei cortar seus cabelos. Ela agora usa um penteado solto. Esse penteado foi feito para ela. Sua tez, seu colo e seu corpinho são admiráveis. Ela faz cern gracinhas, fala, faz carinho, faz o sinal da cruz, pede desculpas, faz reverência, beija a mão, sacode os ombros, dança, agrada, segura o queixo: enfim, ela é linda em tudo que faz. Divirto-me com ela horas a fio". E, como se temesse alguma infecção, acrescenta com uma leviandade que nos surpreende, pois para nós a morte de uma criança é um assunto grave com o qual não se brinca: "Não quero que essa coisinha morra". Isso se explica, no entanto, pelo fato de que esse primeiro sentimento da infância se combinava - como vimos em Molière - com uma certa indiferença, ou, melhor ainda, com a indiferença tradicional. A mesma M^{me} de Sévigné descreve o luto de uma mãe da seguinte maneira: "M^{me} de Coetquen acabara de receber a notícia da morte de sua filhinha; ela desmaiou. Ficou muito aflita e disse que jamais teria outra tão bonita". Mas talvez M^{me} de Sévigné achasse que essa mãe não tinha muito coração, pois acrescenta: "Mas seu marido ficou inconsolável".

Esse sentimento da infância pode ser ainda melhor percebido através das reações críticas que provocou no fim do século XVI e sobretudo no século XVII. Algumas pessoas rabugentas consideraram insuportável a atenção que se dispensava então às crianças: sentimento novo também, como que o negativo do sentimento da infância a que chamamos "paparicação". Essa irritação é a base da hostilidade de Montaigne: "Não posso conceber essa paixão que faz com que as pessoas beijem as crianças recém-nascidas, que não têm ainda nem movimento na alma, nem forma reconhecível no corpo pela qual se possam tornar amáveis, e nunca permiti de boa vontade que elas fossem alimentadas na minha frente". Ele não admite a idéia de se amar as crianças "como passatempo, como se fossem macacos", nem de se achar graça em "seus sapateados, brincadeiras e bobagens pueris". É que, em torno dele, as pessoas se ocupavam demais com as crianças⁷.

Um outro testemunho desse estado de espírito seria dado um século mais tarde por Coulanges, o primo de M^{me} de Sévigné⁸. A ma-

6 M^{me} de Sévigné, *Lettres*, 1º de abril de 1672.

7 M^{me} de Sévigné, *Lettres*, 19 de agosto de 1671.

8 Montaigne, *Essais*, II, 8.

9 Coulanges, *Chansons choisies*, 1694.

neira como seus amigos e parentes paparicavam as crianças evidentemente o exasperava. Ele dedicou aos "pais de família" uma canção que dizia:

*Pour bien élever vos enfants
N'épargnez précepteur ni mie;
Mais, jusques à ce qu'ils soient grands,
Faites-les taire en compagnie
Car rien ne donne tant d'ennui
Que d'écouter l'enfant d'autrui.*

*Le Père aveugle croit toujours
Que son fils dit choses exquisas,
Les autres voudraient être sourds
Qui n'entendent que des sottises,
Mais il faut de nécessité
Applaudir l'enfant gasté.*

*Quand on vous a dit d'un bon ton
Qu'il est joly, qu'il est bien sage,
Qu'on luy a donné du bon bon
N'en exigez paz davantage,
Faites-luy faire serviteur
Aussi bien qu'à son Précepteur.*

*Qui croirait qu'avec du bon sens
Quelqu'un put s'aviser d'écrire
A des marmousets de trois ans
Qui de quatre ans ne scauront lire.
D'un père encor dernièrement
Je vis ce fade amusement.*

*Sachez encor, mes bonnes gens
Que rien n'est plus insupportable
Que de voir vos petits enfans
En rang d'oignon à la grande table
Des morveux qui, le menton gras
Mettent le s doigts dans tous les plats.*

*Qu'ils mangent d'un autre costé
Sous les yeux d'une gouvernante
Qui leur presche la propreté
Et qui ne soit point indulgente
Car on ne peut trop promptement
Apprendre à manger proprement.**

* "Para bem educar vossas crianças, / Não poupeis o preceptor; / Mas, até que elas cresçam, / Fazei-as calar quando estiverem entre adultos, / Pois nada aborrece tanto / Como escutar as crianças dos outros. // O Pai cego acredita sempre / Que seu filho diz coisas inteligentes, / Mas os outros, que só ouvem bobagens, / Gostariam de ser sur-

Vejamos ainda este bilhete a um pai de família, um convite para jantar de M. de Coulanges:

*Emportez votre fils
Et ne vous montrez pas nourrice,
Qu'on fasse manger les petits
Et leur Précepteur à l'office,
Car aujourd'hui dîne céans
Le fléau des petits enfans.**

É preciso deixar claro que esse sentimento de exasperação era tão novo quanto a "paparicação", e ainda mais estranho à promiscuidade indiferente das idades da sociedade medieval. Montaigne e Coulanges, assim com M^{me} de Sévigné, mostravam-se sensíveis justamente à presença das crianças. E devemos até mesmo notar que Montaigne e Coulanges são mais modernos do que M^{me} de Sévigné, na medida em que consideraram necessária a separação das crianças. Não se considerava mais desejável que as crianças se misturassem com os adultos, especialmente na mesa – sem dúvida porque essa mistura permitia que fossem mimadas e se tornassem mal-educadas.

Os moralistas e os educadores do século XVII partilhavam a repugnância de Montaigne e Coulanges pela "paparicação". O austero Fleury, em seu *Traité des études*¹⁰, fala quase como Montaigne:

"Quando os adultos fazem-nas [as crianças] cair numa armadilha, quando elas dizem uma bobagem ao tirar uma conclusão acertada de um princípio impertinente que lhes foi ensinado, os adultos dão gargalhadas de triunfo por havê-las enganado, beijam-nas e acariciam-nas como se elas tivessem dito algo correto [era a paparicação]. É como se as pobres crianças fossem feitas

dos; / E no entanto é preciso / Aplaudir o *enfant gâté*. Quando alguém vos disser por polidez / Que vosso filho é bonito e bem comportado, / Ou lhe der balas, / Não exijais mais nada / – Fazei vosso filho, assim como seu preceptor, / Agir como um servidor. // Ninguém acreditaria que uma pessoa de bom senso / Pudesse escrever / Para crianças de três anos, / Se as de quatro não sabem ler. / No entanto, há pouco tempo, / Vi um pai entregue a essa tola diversão. // Sabei ainda, caros amigos, / Que nada é mais insuportável do que ver vossos filhinhos, / Pendurados na mesa como uma réstia de cebolas, / Moleques que, com o queixo engordurado, / Enfiem o dedo em todos os pratos. // Que eles comam em outro lugar, / Sob as vistas de uma governanta / Que lhes ensine a limpeza / E não seja indulgente, / Pois não se pode com rapidez / Aprender a comer com limpeza." (N. do T.).

* "Trazei vosso filho, / Mas não banqueis a ama-seca, / Mandemos os pequenos / E seu preceptor comer na cozinha, / Pois hoje janta aqui / A turba das criancinhas." (N. do T.).

¹⁰ Fleury, *op. cit.*

apenas para divertir os adultos, como cãezinhos ou macaquinhos [os macacos de Montaigne].”

O autor do *Galatée*, um manual de civilidade muito difundido nos melhores colégios, os colégios jesuítas, fala como Coulanges: “Estão muito errados aqueles que não têm nada na língua além de sua mulher, seus filhinhos e sua ama. – Meu filhinho me fez rir tanto! – Ora, tende paciência [...]”

M. D’Argonne, num tratado sobre a educação de M. de Moncade (1690)¹², queixa-se também de as pessoas só se interessarem pelas crianças pequenas, por seus “carinhos” e “estripulias”; muitos pais “só consideram seus filhos pequenos na medida em que estes lhes proporcionam diversão e alegria”.

É importante observar que no fim do século XVII essa “paparicação” não se limitava apenas às pessoas bem nascidas, as quais, ao contrário, sob a influência dos moralistas, começavam a abandoná-la. A paparicação também era denunciada entre o povo. J.-B. de La Salle, em sua *Conduite des écoles chrétiennes*¹³, constata que as crianças dos pobres eram especialmente mal-educadas, pois “só fazem o que querem, sem que os pais se importem (mas não por negligência), chegando mesmo a ser idolatradas; o que as crianças querem os pais também querem”.

É entre os moralistas e os educadores do século XVII que vemos formar-se esse outro sentimento da infância que estudamos no capítulo anterior e que inspirou toda a educação até o século XX, tanto na cidade como no campo, na burguesia como no povo. O apego à infância e à sua particularidade não se exprime mais através da distração e da brincadeira, mas através do interesse psicológico e da preocupação moral. A criança não era nem divertida nem agradável: “Todo homem sente dentro de si essa insipidez da infância que repugna à razão sadia; essa aspereza da juventude, que só se sacia com objetos sensíveis e não é mais do que o esboço grosseiro do homem racional”. Assim falava *El Discreto* de Balthazar Gratiem, um tratado sobre a educação de 1646, traduzido para o francês em 1723 por um padre jesuíta¹⁴. “Só o tempo pode curar o homem da infância e da juventude, idades da imperfeição sob todos os aspectos.” Como ve-

mos, essas opiniões devem ser recolocadas em seu contexto da época e comparadas aos outros textos para serem compreendidas. Elas já foram interpretadas por alguns historiadores como uma ignorância da infância. No entanto, devemos ver nelas o início de um sentimento sério e autêntico da infância. Pois não convinha ao adulto se acomodar à leviandade da infância: este fora o erro antigo. Era preciso antes conhecê-la melhor para corrigir-la, e os textos do fim do século XVI e do século XVII estão cheios de observações sobre a psicologia infantil¹⁵. Tentava-se penetrar na mentalidade das crianças para melhor adaptar a seu nível os métodos de educação. Pois as pessoas se preocupavam muito com as crianças, consideradas testemunhos da inocência batismal, semelhantes aos anjos e próximos de Cristo, que às havia amado! Mas esse interesse impunha que se desenvolvesse nas crianças uma razão ainda frágil e que se fizesse delas homens racionais e cristãos. O tom às vezes era austero e a ênfase recaía sobre a severidade, por oposição ao relaxamento e às facilidades dos costumes; mas nem sempre era assim. Havia também humor, até mesmo em Jacqueline Pascal, e havia uma ternura declarada. No final do século, procurou-se conciliar a doçura e a razão. Para o abade Goussault, conselheiro do Parlamento, em *Le Portrait d'une honnête femme*¹⁶, “familiarizar-se com os próprios filhos, fazê-los falar sobre todas as coisas, tratá-los como pessoas racionais e conquistá-los pela doçura é um segredo infalível para se fazer deles o que se quiser. As crianças são plantas jovens que é preciso cultivar e regar com freqüência: alguns conselhos dados na hora certa, algumas demonstrações de ternura e amizade feitas de tempos em tempos as comovem e as conquistam. Algumas carícias, alguns presentinhos, algumas palavras de confiança e cordialidade impressionam seu espírito, e poucas são as que resistem a esses meios doces e fáceis de transformá-las em pessoas honradas e probas”. A preocupação era sempre a de fazer dessas crianças pessoas honradas e probas e homens racionais!

O primeiro sentimento da infância – caracterizado pela “paparicação” – surgiu no meio familiar, na companhia das crianças pequenas. O segundo, ao contrário, proveio de uma fonte exterior à família: dos eclesiásticos ou dos homens da lei, raros até o século XVI, e de um maior número de moralistas no século XVII, preocupados com a disciplina e a racionalidade dos costumes. Esses mora-

11 G. della Casa, *Galatée*, tradução francesa de 1609, pp. 162-168.

12 D’Argonne, *L’Education de Monsieur de Moncade*, 1690.

13 J. B. de La Salle, *Conduite des écoles chrétiennes*, 1720.

14 B. Gratiem, *El Discreto*, Huesca, 1646. Tradução francesa de 1723 pelo pe. de Courbeville, S. J.

15 Como se pode ver na *Ratio* dos Jesuítas (1586) e no Regulamento de Jacqueline Pascal para as meninas educadas em Port-Royal.

16 Goussault, *Le Portrait d'une honnête femme*, 1693.

listas haviam-se tornado sensíveis ao fenômeno outrora negligenciado da infância, mas recusavam-se a considerar as crianças como brinquedos encantadores, pois viam nelas frágeis criaturas de Deus que era preciso ao mesmo tempo preservar e disciplinar. Esse sentimento, por sua vez, passou para a vida familiar.

No século XVIII, encontramos na família esses dois elementos antigos associados a um elemento novo: a preocupação com a higiene e a saúde física. O cuidado com o corpo não era desconhecido dos moralistas e dos educadores do século XVII. Tratava-se dos doentes com dedicação (e também com grandes precauções para desmascarar os simuladores), mas não havia interesse pelo corpo dos que gozavam de boa saúde, a não ser com um objetivo moral: um corpo mal enrijecido inclinava à moleza, à preguiça, à concupiscência, a todos os vícios.

A correspondência do General de Martange com sua mulher ¹⁷ nos dá uma idéia das preocupações íntimas de uma família, cerca de um século depois de M^{me} de Sévigné. Martange nasceu em 1722 e casou-se em 1754. Mais adiante teremos a oportunidade de voltar a esses textos. Martange se preocupava com tudo o que dissesse respeito à vida de seus filhos, desde a "paparicação" até a educação. Havia também uma grande preocupação com sua saúde e até mesmo sua higiene. Tudo o que se referia às crianças e à família tornara-se um assunto sério e digno de atenção. Não apenas o futuro da criança, mas também sua simples presença e existência eram dignas de preocupação - a criança havia assumido um lugar central dentro da família.

¹⁷ *Correspondance inédite du général de Martange, 1576-1782*, ed. Bréard, 1898.

2. A Vida Escolástica

1

*Jovens e Velhos Escolares da Idade Média*¹

A segunda parte deste livro, intitulada "A vida escolástica", é consagrada aos aspectos da história da educação que revelam o progresso do sentimento da infância na mentalidade comum: como a escola e o colégio que, na Idade Média, eram reservados a um pequeno número de clérigos e misturavam as diferentes idades dentro de um espírito de liberdade de costumes, se tornaram no início dos tempos modernos um meio de isolar cada vez mais as crianças durante um período de formação tanto moral como intelectual, de adestrá-las, graças a uma disciplina mais autoritária, e, desse modo, separá-las da sociedade dos adultos. Essa evolução do século XV ao XVIII não se deu sem resistências. Os traços comuns da Idade Média persistiram

¹ Na presente edição foram conservadas apenas as conclusões de cada capítulo. O capítulo intitulado "Do externato ao internato" foi inteiramente suprimido.